

"Resistência Moçambicana" solta portugueses

Odisseia incluiu "dieta" de rato e carne podre

Jenasse Cossa, em Maputo

Regressar a Portugal o mais rapidamente possível é o desejo unânime dos cinco portugueses que se encontram em Maputo após terem sido libertados pela chamada Resistência Nacional Moçambicana.

Alcino Fernandes da Costa Pinto, de 29 anos, sua esposa Maria Eugénia Dinis Gonçalves da Costa Pinto, de 28, José António Jesus Antunes, de 27, sua mulher, Maria de Fátima Matos Diogo Antunes, de 24, e o filho do casal, Marco Bruno, de 5 anos, encontram-se todos no hotel Cardoso, em Maputo, após um mês de odisseia nas mãos da chamada «Resistência Nacional Moçambicana».

Alcino Costa Pinto e José Antunes eram controladores na estação de bombagem da Maforça, integrada no sistema de pipe-line que liga o porto da Beira, a Feruka, localidade próxima da cidade zimbabueana de Mutare, na fronteira com Moçambique.

Compensação?

Costa Pinto, falando a «O Jornal», explicou a retenção, do grupo em Maputo antes da partida para Lisboa «para esclarecimento de tudo o que aconteceu junto da companhia proprietária do pipe-line».

Entendem os portugueses que a Companhia do Pipe-Line Moçambique-Zimbabue lhes

deve pagar uma compensação pelos danos de que foram vítimas. «Até agora as coisas não estão muito claras e nós queremos sair daqui com tudo muito bem esclarecido», acrescenta o outro técnico, José Antunes.

O rapto dos técnicos portugueses aconteceu no dia 10 de Outubro passado, quando faltavam sensivelmente 15 minutos para a meia-noite. Para além das cinco pessoas já mencionadas foram também raptadas na mesma altura mais dez que também viviam, na Maforça, estação situada a cerca de 30 km da cidade do Chimoio, província de Manica.

Posto fora de casa em cuecas

Orlando Martins e a sua mulher Maria Aurélia Pereira, de nacionalidade portuguesa, foram também protagonistas da dramática aventura, tendo seguido, no último sábado de Harare com destino a Lisboa.

«Uma moçambicana com um bebé de colo e três filhas foi libertada ao segundo dia de marcha» — diz-nos Maria de Fátima, que acrescenta terem

dois moçambicanos e um zimbabueano fugido durante o percurso a caminho da fronteira.

«Ficou com eles numa base, um zimbabueano de nome Moisés que trabalhava para a companhia CA Constructions, e não sabemos da sua sorte» — afirma, por seu turno, Maria Eugénia.

Segundo o relato dos portugueses agora libertados, a operação foi muito rápida, envolvendo um grupo de cerca de 50 homens. «Estava a dormir quando senti ruídos. Chamaram-me pelo nome e, quando abri a luz, vi uma série de metralhadoras apontadas para mim no parapeito da janela», conta Costa Pinto. «Fui posto em cuecas fora da casa e a minha mulher com o robe e a camisa de dormir», prossegue o nosso entrevistado.

Sabotagem foi espectáculo

Com o casal Antunes as circunstâncias foram mais ou menos idênticas: «Ainda tive tempo de pôr umas "jeans" uma blusa e uns sapatos» — comenta Maria de Fátima.

No cimo da colina mais próxima, o grupo de raptadores fez parar a coluna em fuga: «Fizeram questão em que assistissemos à sabotagem da estação.»

Segundo explicações fornecidas pelos raptadores, «a operação não era contra os portugueses, mas contra o pipe-line». «Raptaram-nos porque assim pensavam que o pipe-line não seria reparado de seguida», diz José Antunes.

Para Costa Pinto, o rapto dos técnicos portugueses terá constituído uma grande decepção: «Eles andavam à procura de cubanos e dos ingleses que fazem as reparações da linha.»

A «dieta»

Durante os primeiros dias de sequestro, os portugueses ouviam ao longe ruídos de disparo e explosões, presumindo que se tratasse de confrontos entre as Forças Armadas Moçambicanas e o grupo de raptadores.

Em Maforça não havia guarda militar ou qualquer dispositivo de segurança, a pedido dos técnicos portugueses. «A nossa intenção era de que não considerassem a estação como um alvo militar a que poria as nossas vidas em perigo.»

Cerca de 170 km separam a Maforça do local onde foram abandonados, a localidade de Chipinga, a sul e já dentro de território zimbabueano. «Andámos às voltas e nas mais variadas direcções para nos desparecerem.»

Os jovens portugueses queixam-se da comida a que não estavam habituados — «ao terceiro dia já não podíamos com o cheiro da sadza (farinha de milho cozida)».

«Davam-nos carne seca podre, ratos. Como viram que estávamos a ficar débeis melhoraram depois a alimentação, mas a carne não chegava para sete pessoas», lembra Maria Eugénia. Os contactos com a coluna eram poucos — «diziam-nos para não termos medo, mas como se pode estar tranquila com um cano apontado».

De política muito pouco...

As colunas, que oscilavam entre 50 a 100 homens tinham sempre um rádio emissor-receptor — «dispunham de armas ligeiras de vários tipos. Expressavam-se quase todos em português e os que nos pareciam ser os graduados usavam uniformes».

«Alguns pareciam fardados como a Mocidade Portuguesa, com calça castanha e camisa verde», diz, gracejando, Maria Eugénia.

Quanto a princípios políticos, «parece que eles não ligavam muito a isso», segundo os nossos entrevistados. «Diziam que não estavam satisfeitos, que faziam aquilo para prejudicar a economia moçambicana, e que não queriam estrangeiros.»

Costa Pinto nunca ouviu qualquer referência ao Governo português ou palavras de animosidade contra os portugueses. «Fizram-nos aquilo porque trabalhávamos no pipe-line.»

A libertação (e um bife)

No dia dos anos de Costa Pinto receberam uma mensagem rádio informando que iam ser libertados: «Não sabíamos de onde viuham as mensagens, nem o que diziam, pois eram em código.»

Foi por essa altura que os portugueses souberam que seis técnicos búlgaros e um grupo de missionários se encontravam também sequestrados — «não nos forneceram nenhuma explicação».

No dia 9 de Novembro foram levantados pelas duas da manhã, tendo feito uma marcha de duas horas até à fronteira do Zimbabue.

«Disseram-nos para caminharmos na direcção das luzes que se viam do outro lado», diz Maria Eugénia, a mais faladora do grupo.

Depois de atravessado o arame farpado foram ter a uma

fábrica de tratamento de chá, onde o proprietário, um inglês branco após se ter inteirado da situação, lhes ofereceu um reforço «breakfast» inglês.

«Tivemos o decaído bife com batatas fritas que andámos a prometer durante o percurso ao Marec Brunor, comenta, depois do susto passado, José Antunes.

«O dono da fábrica ficou muito surpreso com a nossa odisseia dizendo-nos que o «fin» por onde atravessámos estava minado e costuma ter sempre polícia de guarda» — relata ainda Maria Eugénia.

Depois de tratados, e de contactada a polícia foram levados a Mutare, onde o comandante militar da província de Manica, o major-general Tobias; lhes ofereceu facilidades para regressarem a Moçambique.

«O general moçambicano ofereceu os prémios do governo para nos ajudar no que fosse preciso, informando-nos que tinha uma escola militar preparada para nos trazer de volta a Moçambique» — conta Costa Pinto.

O grupo seguiu, no entanto, para Harare para fazer os testes médicos e contactar a Embaixada portuguesa. Em Maputo renovou os contactos com a Embaixada portuguesa onde espera que a sua situação seja compreendida.

«Ficámos sem nada e não podemos ir para Portugal assim», garante, peremptória, Maria Eugénia.

Arcebispo também libertado (em Angola)

Foi, entretanto, libertado esta semana pela UNITA, o arcebispo de Lubango, D. Alexandre do Nascimento que já se encontra em Roma, antes de regressar à sua diocese angolana. Ao mesmo tempo consumou-se a troca de prisioneiros entre Angola e a África do Sul que «O Jornal» anunciou em primeira mão absoluta.

A troca, supervisionada pela Cruz Vermelha Internacional, efectuou-se em Lusaca. Os norte-americanos receberam três cidadãos que se encontram detidos em Angola e a URSS recebeu um militar que estava detido na África do Sul e dois em poder da UNITA, além de quatro cadáveres. Cuba recebeu um preso vindo da África do Sul e um cadáver. Angola resgatou 94 elementos que estavam na África do Sul e entregou, por seu turno, os cadáveres de dois sul-africanos.